

<http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-7esp1802>

A paixão do Entusiasmo, em Diana Luz Pessoa de Barros. Elucubrações semio-patafísicas

*The passion of Enthusiasm,
in Diana Luz Pessoa de
Barros. Semio-pataphysical
elucubrations*

Waldir BEIVIDAS (USP)
waldirbeivas@gmail.com

Recebido em: 17 de dez. de 2019.
Aceito em: 05 de fev. de 2020.

BEIVIDAS, Waldir. A paixão do
Entusiasmo, em Diana Luz Pessoa
de Barros. A paixão do Entusiasmo,
em Diana Luz Pessoa de Barros.
Elucubrações semio-patafísicas.
Entrepalavras, Fortaleza, v. 10, n.
esp., p. 102-112, mai. 2020. DOI:
10.22168/2237-6321-7esp1802

À Diana Luz Pessoa de
Barros, em singela e breve
homenagem

Resumo: Este texto de homenagem à nossa sempre mestre e guia teórico, Diana Luz Pessoa de Barros, pretende indicar breves pistas de estudos semióticos sobre a paixão do entusiasmo, tomando por inspiração a fina análise modal que Greimas fizera sobre a paixão da cólera, nos anos 1980, mas, desta feita, advertida quanto aos movimentos tensivos da semiótica de Zilberberg. A ideia foi mostrar que o estilo de pesquisa e de atitude teórico-acadêmica de Diana está balizado numa verdadeira paixão de entusiasmo, intenso, perante as ações de si própria e perante as ações do outro. Num segundo movimento do texto, a homenagem utiliza expedientes da ciência patafísica de Alfred Jarry para tecer certas elucubrações sobre onomástica, aplicada às quatro grandezas que definem o nome da homenageada: Diana, Luz, Pessoa, Barros.

Palavras-chave: Entusiasmo.
Tensividade. Semiopatafísica.

Abstract: This text honoring our ever-master and theoretical guide, Diana Luz Pessoa de Barros, is intended to indicate brief clues to semiotic studies on the passion of enthusiasm, drawing upon the fine modal analysis that Greimas had done on the passion of cholera in the 1980s. but this time warned of the tensive movements of Zilberberg's semiotics. The idea was to show that Diana's style of research and theoretical-academic attitude is based on a true passion of enthusiasm, intense, towards the actions of herself and the actions of the other. In a second movement of the text, the tribute uses the expedients of Alfred Jarry's pataphysical science to weave certain elucubrations about onomastic, applied to the four magnitudes that define the honoree's name: Diana, Luz, Pessoa, Barros.

Keywords: Enthusiasm. Tensivity. Semio-pataphysics.

Introdução

Querida Diana, nas mal trançadas linhas que seguem não vão resultados de uma homenagem conduzidos por alguma reflexão mais substantiva. Vão apenas intenções, o que eu gostaria de ter podido elaborado melhor, caso as circunstâncias da vida das duas últimas semanas não me tivessem tolhido o tempo necessário¹.

Difícil decidir sob qual gênero classificar as linhas que te dirijo abaixo. Aliás, gênero é termo que ganhou, gravoso, quase o estatuto de metalinguagem, em várias definições aqui e ali, desde Bakhtin. Prefiro então o termo, menos compromissado, de “cunho”.

Cunho literário? Certamente não o terá pois, sem poder invocar algum dote, de berço, provindo de Dama Natureza, quando sou um convicto da imanência profunda da linguagem na construção de um espírito, a Dama Cultura que atravessou a fenomenologia da minha vivência pessoal, desde quando vim até o que sou, não me permitiu o pendor da verve literária.

Cunho científico-acadêmico? Não quero que o seja, porquanto a ciência na academia visa progressivamente à universalidade e à objetividade dos elementos em foco, enquanto as linhas que seguem pretendem apenas a mais sincera subjetividade posta na mesa deste texto.

Cunho filosófico? Em parte, sim, pois a patafísica que irá alimentar algumas elucubrações aqui lançadas é pleiteada por seu próprio criador Alfred Jarry, como disciplina que se acrescenta à metafísica, como terei oportunidade de comentar mais adiante.

¹ Preferi conservar basicamente o mesmo texto redigido à época para preservar o estado de ânimo que me perpassava no momento de sua redação. Foram acrescidos apenas alguns ajustes de redação e algum detalhamento de raciocínios. Foi o momento em que tive uma de minhas filhas hospitalizada longamente em UTI em razão de uma delicada cirurgia.

Cunho semiótico? Também sim, na quase totalidade, se couberem as duas etiquetas. E talvez o caiba, se pensarmos que, com a utopia metalinguística do *Résumé* e do *An outline of glossematic*, Hjelmslev queria um procedimento discursivo de análise descritiva tamanhamente amarrado em sua coerência de condução, que seu enunciador teria de sacrificar a eventual beleza literária, que a língua oferece geniosamente a seus usuários, em prol da beleza estética, que a coerência devolve generosamente ao pensamento. Talvez seja difícil nos darmos conta disto. Mas desde quando o “veneno” semiótico foi instilado em nossas veias — tal como disse uma vez Hjelmslev a um seu interlocutor, ou tal como Freud disse a seu discípulo de então, Jung, no desembarque em Nova Iorque, que, com sua psicanálise do inconsciente, levaria a “peste” aos americanos, sintomaticamente “egoístas” que sempre foram, em todos os sentidos do termo — desde quando esse “veneno” ou “peste” entrou nas nossas veias não há como evitar que uma “visão semiótica” do mundo não contamine, fundo e integralmente, nosso modo de “ser” e de “presença” nele. Ser semioticista, a estas alturas das coisas, não é apenas deter a competência de alguns procedimentos teórico-descritivos, criados e zelados no campo, é adotar uma “forma de vida”, é “atitude de espírito”.

Difícil provar a Fulano que a linguagem circulante entre semioticistas não se trata de “esoterismo” de alguma seita, pensamento oculto, misterioso, reservado a iniciados. Ao contrário, cabe o termo “exoterismo” (com x), para o qual os dicionários atribuem o sentido de raciocínio voltado aos não iniciados, para fora do clube, que pode ser divulgado, ensinado publicamente. Curiosamente tem como sinônimos — isto é, por antonímia ao “esotérico” (com “s”) — os sentidos de “claro, simples, profano, público”.

Difícil explicar a Beltrano que a um vocabulário do senso comum, pleiteado por várias correntes que analisam os discursos, que visa seduzir rapidamente a plateia preguiçosa, sem tempo e disposição para a paciência do conceito, a semiótica propõe sua metalinguagem coesa, na qual os conceitos não andam ao léu, feito cometas, cada um por si, perdidos no vasto universo semântico. Eles procuram se interdefinir e autocontrolar, procuram gravitar em conjunto, feito sistema heliocêntrico.

Difícil, enfim demonstrar a Sicrano que a um vocabulário de estilo “aristocrático”, derivado das profundezas míticas da genialidade de algum interpretante, que se sente privilegiado por Dama Natureza

na interpretância de seu mestre, também ele gênio, a semiótica propõe uma metalinguagem “democrática” — ao alcance de todos, bastando tomar ciência das definições e interdefinições de seus conceitos. Claro, clareza e simplicidade aqui não significam a superficialidade de raciocínios, *ad usum Delphini* — tradução patafísica: para a preguiça que se prefere imbecil —, mas a elegância das definições conceituais que contemplem o cerne semântico do que se está a construir. No final das contas, como clara e simplesmente diz Zilberberg, o que se quer é evitar que a teoria patine no regime dos “comentários piedosos e exegeses respeitosas” para progredir no regime de um “saber do que se fala” (1981, p. X). A síntese de tudo pode ser deixada a Hjelmslev: a metalinguagem semiótica tem como valor estético duas virtudes: a objetividade e a precisão, enquanto “aspiração à beleza” (1941, p. 86).

Por fim, terá este texto o cunho “carta”? Os progressos tecnológicos de hoje, sabemos, praticamente baniram o gênero ou o cunho “carta” para as missivas entre pessoas e entre pesquisadores. Esse gênero, que dependia outrora de uma pena, um lápis ou uma caneta à mão, e a reflexão pausada, hoje vem substituído pelos polegares no *whatsapp*, na imediatez que não deixa tempo à reflexão, mas muita margem a mal-entendidos. Lembremos que as correspondências antigas por vezes esclareciam mais do que os textos propriamente acadêmicos (basta lembrarmos, com Heisenberg, seus *Diálogos sobre la física atômica* (1972)).

Então, sejam estas linhas uma “carta semiopatafísica” que vem apenas anunciar o que eu gostaria de ter escrito em mais refletidas considerações.

A paixão do entusiasmo em semiótica

Primeiro, no âmbito da semiótica, caberia um estudo que tomasse a paixão do “entusiasmo”, a exemplo do que Greimas fizera com a “cólera” (2014[1980], p. 233-253). Isto é, sob o pretexto de um estudo de “semântica lexical”, caberia extrair da sua densidade semântica sincopada todo o complexo narrativo e modal, desta feita acrescentado o ponto de vista tensivo protagonizado por Zilberberg, dado os acréscimos de ênfase e a centralidade do afeto que vem marcando as pesquisas semióticas nos dias atuais.

É instrutivo o uso que Greimas fez de uma definição da cólera em dicionário (*Le petit Robert*). Um dicionário não é propriamente e a

priori um guia dos usos de uma língua. Ao contrário, é registro dos usos já feitos, mormente por grandes escritores, filósofos, poetas, literatos, portanto *a posteriori*, que se mostram como tatuagens deixadas no corpo da língua, dando-nos a conhecer os semantismos mais pregnantes dos seus signos, para dar-lhe a continuidade de sua presença entre os falantes. É assim que se abre ao nosso entendimento a riqueza semântico-narrativa e tensiva do lexema “entusiasmo” ao consultarmos um dicionário. Sejam, por exemplo, para o entusiasmo as ocorrências, neste caso, colhidas do *Dictionnaire CNRTL – Centre Nationale de Ressources Textuelles et Lexicales* [<https://www.cnrtl.fr>]:

- (i) Estado de exaltação do espírito, agitação profunda da sensibilidade daquele que se encontra possuído pela Divindade, da qual recebe a inspiração, o dom da profecia, ou da adivinhação;
- (ii) Estado de fervor, de emoção religiosa intensa que apresenta a intuição de verdades religiosas ou de realidades supranaturais (oposta à razão, inteligência);
- (iii) Estado de exaltação de alma no poeta ou no artista tomado de inspiração: entusiasmo lírico, musical, poético, do gênio;
- (iv) Força natural ou mística que impele a criar ou a agir com ardor e com alegria
- (v) Movimentação violenta e profunda da sensibilidade, levando alguém a amar ou a admirar alguém ou alguma coisa com paixão, por vezes de maneira excessiva;
- (vi) Caráter apaixonado de um fenômeno afetivo;
- (vii) Alegria vivaz que se exterioriza e exprime uma adesão total, uma aprovação completa.

Não importa que a paixão do entusiasmo tenda a perder a coloração religiosa de seus inícios e tornar-se “banal” podendo ser empregada em situações as mais ordinárias. O que nos cabe, em semiótica, é extrair-lhe o fundo narrativo que a nota e conota. Se tomarmos esses usos colhidos em dicionário, valeria a pena tentar extrair as micro-sintaxes modais e sobremodais de uma “paixão” de certo modo ambígua mas também multivalente, dado que, numa primeira aproximação o entusiasmo parece figurar como:

- (i) “paixão de ação”, porquanto paixão de sujeito competente: estar entusiasmado é ter ímpeto direto para a ação, em que a volição de um *QUERER-FAZER* se acopla à deontologia de um *DEVER-FAZER*, tudo sob a regência da sobremodalização epistêmica de um *CRER-PODER-FAZER*. Num grafo tensivo, certamente ocupa o vértice da “tonicidade” no eixo da intensidade. Haveria que testemunhar nos textos, mas todos os que conhecemos a longevidade do entusiasmo na vida acadêmica de Diana, temos de enquadrá-lo também como uma duração extensa. O grafo tensivo teria de contemplar o entusiasmo como paixão de “topo” em ambos os eixos, uma *top-paixão*, no caso da nossa homenageada;
- (ii) “paixão de sanção”, portanto paixão de Destinador: o entusiasmo de Diana revela continuamente o sentimento altamente eufórico perante uma ação ocorrida ou um projeto de ação (de seus orientandos): jamais se sai derrotado numa avaliação de Diana, ao contrário;
- (iii) “paixão de auto-sanção” a indicar uma existência modal singular: crer estar altamente empoderado, para futuras ações.

De modo que a mescla de competência, sanção e auto-sanção, liminarmente e em esboço mal traçado, assim se projetaria: do lado do entusiasmo do sujeito, designaria o sentimento intenso de querer fazer as coisas por sentir-se altamente seguro de poder fazê-las e de dever fazê-las; do lado do entusiasmo de sanção e de auto-sanção, algumas pistas poderiam indicar a intensa euforia retrospectiva pela ação realizada pelo outro ou por si mesmo, ao mesmo tempo euforia prospectiva na aposta da ação futura (pelo outro ou por si mesmo).

A patafísica do entusiasmo

A patafísica poderia vir a contribuir por um outro ângulo. Seu mentor, Alfred Jarry, a dispõe como “ciência das soluções imaginárias que atribui simbolicamente aos lineamentos, as propriedades dos objetos por sua virtualidade”². Em definição mais extensa:

² Alfred Jarry (1873 – 1907) foi poeta, romancista e dramaturgo simbolista francês, mais conhecido por sua obra *Ubu Rei* (1896). Foi um dos inspiradores dos surrealistas e do teatro do absurdo.

A patafísica (...) é a ciência que se acrescenta à metafísica, seja dentro dela própria, seja fora dela, estendendo-se tão adiante para além da metafísica quanto esta para além da física. Por exemplo: sendo o epifenômeno mormente o acidente, a patafísica será sobretudo a ciência do particular, não obstante se diga que haja ciência apenas do geral. Ela estudará as leis que regem as exceções e explicará o universo suplementar ao nosso. (1972, p. 668).

Gostaria eu de ter podido meditar mais, (i) explorar as virtualidades dos termos lançados nessa definição: ao mesmo tempo uma “ciência” que se acrescenta a uma “metafísica”, por dentro e por fora dela mesma; (ii) entender um pouco melhor as relações que a metafísica entretém com a “física”; (iii) tentar captar o epifenômeno de um acidente, portanto pensar-se como “ciência do particular” e estudar leis e exceções de um universo “suplementar” ao que conhecemos.

Gestos ou opiniões do doutor Faustroll, ou ainda, delírios seus, o que me veio à mente no uso dessa ciência e metafísica do particular foi a ideia de explorar a etimologia do termo “entusiasmo”, também na perspectiva patafísica. Sem, portanto, obedecer o severo selo da “ciência etimológica” — ciência talvez impossível dada as alterações, sobreposições e amálgamas semânticos dos signos ao longo da sua diacronia — a tarefa seria a de mesclar o imaginário metafísico do termo e explorar nele, etimologicamente, os semantismos de “arrebato” “exaltação do espírito”, “abalo profundo da sensibilidade de quem se sente possuído pela Divindade”, “estado de fervor, de emoção religiosa intensa diante de intuições de verdades religiosas e de realidades sobrenaturais”, conforme se viu acima nos registros dicionarizados do lexema entusiasmo.

Com efeito, fazendo uso patafísico, imaginário, do termo grego *ἐνθουσιασμό* é difícil evitarmos que possam estar figurados aí uma composição prefixal de “ἐν” + o termo *Θεός* (Deus) + o termo *ασθμα* (respiração ofegante). Ora, toda respiração ofegante provém do pulmão, do peito. Seria o caso de verificar se há em grego com algum outro sentido para *ασθμός*. A ideia seria a de explorar algum possível traço etimológico que pudesse, além da metafísica e, portanto, patafísicamente, chegar a uma definição simples: entusiasmo quer dizer: estar com o peito cheio de Deus, arrebatado por forças divinas.

Por que isso? Simplesmente porque unindo a análise semiótica da paixão do entusiasmo (um crer intenso e seguro de querer, dever e poder-fazer) com a elucubração patafísica desse sentimento (o peito cheio de vigor divino), a gente poderia ter a definição exata, como “ciência do particular”, dessa existência semiótica singular chamada... Diana Luz Pessoa de Barros.

A exploração sêmio-patafísica, agora melhor entendida, seguiria a perseguir os semantismos metafísicos e patafísicos de cada componente do nome de nossa homenageada, noutros termos, uma onomástica semio-patafísica:

- (i) **Diana**, deusa romana correspondente à Ártemis, deusa grega. Era a deusa da lua e da caça. Eis aqui nossa Diana, caçadora de sentidos em toda análise e nos fartos exemplos que oferece nos seus livros e artigos, dos textos literários, cancionais, de jornais, revistas, não importa se destinados a público mais restrito, sobre método e conceitos semióticos, ou endereçados a público mais amplo: projeto Nurc, textos sobre a intolerância, etc., etc.

Figura 1 – Estátua da Deusa Diana no Museu do Louvre³.



Fonte: Fernando [CC BY-SA (<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0>)].

³ Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Diana_of_Versailles,_Louvre_1_August_2013.jpg

Observação patafísica: dentre outras tantas, alguma lenda diz que tal deusa teve apenas um herói, como parceiro, que lhe conquistou o coração. Certamente não um herói bruto e desajeitado, mas um herói apurado, de fino trato, de espírito elevado, alma ilesa, o que, melhor dito em língua inglesa, configura um herói *clean* — patafisicamente, Heroclinho⁴;

(ii) **Luz:** quem pretenderá negar o protagonismo luminoso de Diana Luz, desde o primeiro número dos *Bulletins* — a nos reger o primeiro impulso da semiótica das manipulações — até suas publicações mais volumosas e recentes, que não tenham sido verdadeiros manuais, verdadeiro farol a guiar nossa navegação nos périplos da aventura cognitiva de cada um de nós no campo? Para a primeira geração de semioticistas brasileiros, na qual me incluo, consideramos Diana, patafisicamente, como co-autora dos primeiros gestos de criação entre nós da semiótica: *fiat lux* (e a semiótica *se fez*, entre nós).

(iii) **Pessoa:** a ideia aqui era explorar o conceito de “pessoa” em filosofia, em psicologia e também no campo jurídico. O sentido usual do termo, conotando a individualidade, a singularidade, características intrínsecas de um ente com direitos de cidadania não contempla todas as suas arestas. Uma dentre as etimologias difundidas do termo origina-se em Boécio (480-524), filósofo, poeta, estadista e teólogo romano, considerado mártir e padre da Igreja, pelos serviços que prestou aos cristãos, profundo conhecedor da língua grega. A pedagoga e advogada Gisele Leite, em seu artigo “O conceito de pessoa: na trajetória filosófica e jurídica” (2016), considera-o conceito “dos mais relevantes para o direito ocidental”. Vai buscar em Boécio a origem etimológica do conceito em “persona”, com o sentido genérico de “máscara de teatro e representada pelo som de sua voz, uma personagem”. Para o vocábulo latino *persona*, os dicionários nos oferecem os sentidos de “máscara de ator, papel, caráter, personagem, individualidade, personalidade” e também pessoa gramatical. Por sua vez,

⁴ Heroclinho é o apelido familiar de Hyeróclio Eloy Pessoa de Barros, marido de Diana.

o verbo latino *personare* indicava o sentido de ressoar por toda parte, retumbar, fazer ressoar, dizer em voz alta, até mesmo gritar. Ora, o que tem feito Diana Luz, em todos os congressos e eventos de que participa, senão fazer ressoar o ponto de vista semiótico, quase aos gritos?

Talvez valesse o esforço teórico de uma pesquisa de aproximação entre *éthos* e *persona*, com as sobreposições e ressonâncias semânticas entre os dois. Para a nossa pequena homenagem aqui, basta ressaltar, em “pessoa”, a força constitutiva dos signos da linguagem, assim como o fez Benveniste quando profere: “É ‘ego’ quem diz *ego*. Encontramos aí o fundamento da “subjetividade” *que se determina pelo status linguístico da ‘pessoa’*” (1991[1966]: 286 – itálicos meus). Portanto, Diana Luz congrega as duas vertentes semânticas, a da individualidade intrínseca do ser e a do papel desempenhado pela voz que ressoa do ator. Parafraseando Benveniste, patafisicamente, é pessoa quem se chama Pessoa.

(iv)Barros... aqui também a ideia era explorar patafisicamente a força cosmogônica e telúrica do termo “terra”, e as conotações teológicas e metafísicas do gesto criativo de esculpir a humanidade do barro primeiro, Adão e em seguida Eva, bem como as conotações onomásticas do sobrenome.

Uma das origens onomásticas do sobrenome Barros vem de Portugal significando o lugar de habitação de um lavrador, habitação conhecida por Barro. Juntando patafisicamente as ressonâncias semânticas, teogônicas e onomásticas, a intenção dessa pequena inquirição elucubrate ao termo era criar condições para a interpretação de mais uma virtude tua, Diana Luz Pessoa, a do *realismo terra-terra, pé no chão*, com que vejo você conduzir não apenas os temas da teoria, mas também as relações e convivências pessoais entre os colegas: o otimismo do entusiasmo acoplado à prudência do realismo pragmático para a consecução dos objetivos dos trabalhos, eis mais um dos perfis que Diana Luz Pessoa de Barros nos oferece. Por tudo isso, só temos a agradecer-te a presença entre nós. Obrigado.

Referências

BENVENISTE, E. “Da subjetividade na Linguagem” **Problemas de Linguística Geral 1**. Campinas: Pontes, 1991 [1966]. p. 284-305.

GREIMAS, A. J. “Sobre a cólera”. **Sobre o Sentido II. Ensaios Semióticos**. São Paulo: Edusp, 2014 [1980] p. 233-253.

HEISENBERG, W. **Diálogos sobre la física atômica**. B.A.C : Madrid, 1972.

HJELMSLEV, L. **Nouveaux essais**. Paris: Puf. 1985 [1941].

JARRY, A. **Gestes et opinions du docteur Faustroll, pataphysicien**. Paris, Gallimard. 1972 [1911].

LEITE, G. Conceito de Pessoa: na trajetória filosofia e jurídica. **Jus**. Teresina, 2016. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/47003/conceito-de-pessoa-na-trajetoria-filosofia-e-juridica>>. Acesso em: 30 dez. 2019.

ZILBERBERG, C. **Essai sur les modalités tensives**. Amsterdam: John Benjamins, 1981.